

Sentidos e significados da migração estudantil interestadual para os estudantes da Universidade Federal de Goiás

Senses and meanings of interstate student migration for students at the Federal University of Goiás

Sentidos y significado de la migración estudiantil interestatal para estudiantes de la Universidade Federal de Goiás

Higo Gabriel Santos Alves¹

<https://orcid.org/0000-0002-1796-6341>

Sylvana de Oliveira Bernardi Noleto²

<https://orcid.org/0000-0001-6532-4637>

¹ Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo – Brasil. E-mail: higoallves@gmail.com.

² Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás – Brasil. E-mail: sylvanabn@ueg.br.

Resumo

A migração estudantil interestadual pode ser caracterizada como o deslocamento de sujeitos que residem em determinadas unidades federativas brasileiras para outras com o objetivo de acessar à educação superior, seja em instituições de educação superior públicas ou privadas. Objetiva-se com este texto discutir os sentidos e significados atribuídos ao processo migratório com finalidades educacionais realizado pelos estudantes da Universidade Federal de Goiás. Argumenta-se que os sentidos e os significados ganham materialidade a partir da articulação com os capitais que foram adquiridos ao longo da vida. A produção e reprodução de entendimentos e demais questões que atuam nas estruturas incorporadas e objetivas (Bourdieu, 2020) desses agentes, não se limitam, portanto, às experiências durante a migração estudantil, mas também ao modo como foi idealizada e está sendo vivenciada. Este estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa partir de uma pesquisa de campo. Foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas com estudantes provenientes de diversas unidades federativas e que ingressaram pelo Sistema de Seleção Unificado (SiSU) por alguma cota ou pela ampla concorrência. A motivação inicial pela migração foi a aprovação no curso, mas a forma como avaliam esse deslocamento é particularizada por marcadores sociais, como cor, classe, gênero, entre outros.

Palavras-chave: Migração estudantil. Educação Superior. Trajetórias.

Abstract

Interstate student migration can be characterized as the movement of individuals who reside in certain Brazilian federative units to others to access higher education, whether in public or private higher education institutions. This paper aims to discuss the sense and meanings attributed to the migratory process for educational purposes conducted by students at the Federal University of Goiás. We argue that senses and meanings gain materiality through articulation with the capital acquired throughout one's life. The production and reproduction of understandings and other issues that impact the incorporated and objective structures (Bourdieu, 2020) of these agents are not limited to the experiences during student migration, but also to the way in which it was idealized and is being experienced currently. This is a qualitative field research study. We conducted 17 semi-structured interviews with



students from different federative units who entered through the Unified Selection System (SiSU) due to a quota or broad competition. The initial motivation for migration was passing the course, but the way they evaluate this displacement is particularized by social markers, such as color, class, and gender, among others.

Keywords: *Student migration. Higher Education. Trajectories.*

Resumen

La migración interestatal de estudiantes puede caracterizarse como el movimiento de personas que residen en determinadas unidades federativas brasileñas hacia otras con el objetivo de acceder a la educación superior, ya sea en instituciones de educación superior públicas o privadas. El objetivo de este texto es discutir los significados atribuidos al proceso migratorio con fines educativos realizado por estudiantes de la Universidade Federal de Goiás. Se sostiene que los sentidos y significados ganan materialidad a través de la articulación con el capital adquirido a lo largo de la vida. La producción y reproducción de comprensiones y otras cuestiones que actúan sobre las estructuras incorporadas y las estructuras objetivas (Bourdieu, 2020) de estos agentes no se limitan, por tanto, a las experiencias durante la migración estudiantil, sino también a la forma en que ésta fue idealizada y se está experimentando. Este estudio se caracteriza por un enfoque cualitativo y en su diseño se utilizó la investigación de campo. Se realizaron 17 entrevistas semiestructuradas con estudiantes provenientes de diversas unidades federativas y que ingresaron a través del Sistema de Seleção Unificado (SiSU) por alguna cota o por la amplia competencia. Se indica que la motivación inicial por la migración ha sido la aprobación en el curso, pero la manera cómo avalian ese desplazamiento es particularizada por marcadores sociales, como color, clase, género, entre otros.

Palabras clave: *Migración estudiantil. Educación Superior. Trayectorias.*

1 Introdução

Os movimentos migratórios consistem no atravessamento de fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas. Envolvem interações espaciais, estruturas sociais e os sentidos e significados deste deslocamento, considerando o que foi projetado e sua concretude. Tais deslocamentos se caracterizam pela saída de um local para o outro; quem se desloca possui uma origem e um destino. De acordo com Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), a migração é um fenômeno social que envolve três dimensões: a materialidade, a produção social e a corporeidade, devendo ser compreendida a partir da totalidade dessa tríade.

As discussões sobre as migrações apresentam diversos conceitos, abordagens e teorias. Por ser uma temática intersetorial e interdisciplinar, é discutida em diversas áreas do conhecimento. Para Miranda (2019), constata-se três grandes teorias acerca do fenômeno: (i) a teoria microestrutural, compreendendo as decisões individuais dos sujeitos, que optam ou não pela migração após uma análise das vantagens e desvantagens com a mudança de local; (ii) a teoria macroestrutural, na qual os movimentos migratórios são produto de uma conjuntura

histórica-estrutural e a decisão é tomada após serem consideradas as condições objetivas de acesso a um conjunto de direitos sociais; e (iii) a teoria das redes sociais, nas quais os indivíduos possuem ligações prévias entre os locais de origem e destino, e que a opção pela migração é feita não apenas por variáveis econômicas e sociais, mas também pelas familiares e culturais.

De todo modo, é preciso compreender os sujeitos migrantes a partir da dialética de produto e produtor da história e da sociedade na qual estão inseridos (Miranda, 2019). Como Lobato (2021) argumenta, a mobilidade estudantil não se reduz ao deslocamento entre pontos, mas é permeada de obstáculos, avaliações e revisões do projeto migratório no decorrer do processo.

As migrações populacionais na contemporaneidade são de diversos tipos e variadas motivações. Entre elas, podem-se citar os deslocamentos com finalidades educacionais, sejam internos ou internacionais, que se efetivam por meio de políticas públicas educacionais. Essas políticas, que, a princípio, emergem com foco no campo educacional, são perpassadas pelos campos econômico, político e cultural, e podem ser fortalecidas ou enfraquecidas a partir da conjuntura sociopolítica e da posição dos agentes que ocupam o Estado em determinado momento.

Nesse sentido, destaca-se que a conceituação da migração estudantil enquanto um tipo de movimento migratório permanece em aberto, tendo em vista sua transitoriedade e temporalidade (Rosário; Soeira, 2010; Dutra; Azevedo; Laier, 2027). Considera-se, todavia, que a migração estudantil seja um tipo migratório porque a mudança espacial está presente, uma vez que o estudante se desloca do seu local de origem com destino ao território em que se encontra a instituição de educação superior, e por não se tratar de um movimento esporádico, mas um deslocamento de médio e/ou longo prazo (Rosário; Soeira, 2010), até que a graduação seja concluída ou interrompida. Para Rosário e Soeira (2010), a migração estudantil afeta social e culturalmente os estudantes, tendo em vista que a sociedade de destino pode apresentar características diferentes daquela de origem. Com isso, impõe-se a esses sujeitos construir estratégias de permanência não apenas na instituição, bem como no território em que ela está localizada.

Dutra, Azevedo e Laier (2017), ao discutirem as mobilidades estudantis internacionais, indicam que estas são representadas pela sua temporalidade, o sentimento de provisoriedade e não pertencimento, e que essas questões acompanham os estudantes em seus deslocamentos,

fazendo que estes busquem novas formas de integração e construção de relações sociais no novo local. Considerando as dimensões continentais do Brasil, pode-se inferir que tais sentimentos também podem ocorrer nas migrações estudantis interestaduais, pois a inexistência das redes de sociabilidade e de referências sociais e culturais contribuem para o sentimento de vulnerabilidade territorial, podendo acarretar o confronto de culturas distintas, um estranhamento que coloca em questão valores culturais em adaptação às novas relações e território.

A partir da década de 1990, o Brasil vivenciou um processo de expansão da estrutura da educação superior. Nesse contexto, os movimentos sociais, em especial o movimento negro, passaram a questionar as barreiras sociais impostas pelas universidades no que se refere ao acesso e permanência dos estudantes historicamente excluídos desse nível educacional. Na década de 1990, essa expansão foi capitaneada principalmente pelo segmento privado, e, apesar de o número de matrículas neste segmento ter continuado a crescer nos anos 2000, entre 2004 e 2014 constatou-se um crescimento significativo da oferta de vagas em instituições públicas federais. Considerando as lutas encampadas pelo movimento negro e pela posição ideológica dos agentes que ocuparam o Estado, a partir de 2003 foi instituído um conjunto de políticas educacionais que objetivou democratizar o acesso da população à educação superior pública.

Entre essas políticas, citam-se algumas iniciativas: o Plano de Expansão e Interiorização das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007, que objetivou ampliar o número de instituições federais de modo a interiorizar sua oferta, resultando no aumento do número de cursos e matrículas; e o Sistema de Seleção Unificado (SiSU), que se estruturou como um sistema centralizado pelo Ministério da Educação, que oportuniza estudantes da educação superior de todo território nacional a candidatarem-se em qualquer instituição pública que a ele tenha aderido. A mudança teve início com a redefinição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2009, quando se instituiu uma prova única para os estudantes em todo o território nacional com a finalidade de substituir o vestibular pelo SiSU. Tais políticas, de forma articulada, impulsionaram o aumento da migração estudantil interestadual (Li, 2016; Cardoso *et al.*, 2022; Teramatsu; Straforini, 2022).

Em vista disso, o presente artigo, fruto de uma pesquisa de Mestrado em Educação, objetiva discorrer sobre os sentidos e significados atribuídos à própria experiência pelos estudantes migrantes interestaduais ao realizarem a migração interestadual para ingressar na Universidade Federal de Goiás (UFG). Ressalta-se que os conceitos sentidos e significados,

empregados neste trabalho, têm por finalidade caracterizar como os estudantes migrantes assimilam as diversas questões que estão imbricadas nesse deslocamento com finalidade educacional; relacionam-se à produção e reprodução de entendimentos e demais questões que atuam nas estruturas incorporadas e estruturas objetivas (Bourdieu, 2020) desses agentes; não se limitam, portanto, às experiências durante a migração estudantil, mas, também, a uma certa distância entre o modo como foi idealizada e como está sendo vivenciada.

Isso posto, os sentidos e significados se materializam quando se articulam os capitais que foram adquiridos ao longo da vida conjuntamente com elementos que vão dando significado à produção deste processo, como: as influências familiares, a forma como se inserem na instituição de educação superior, bem como os marcadores sociais (gênero, cor/etnia, condição socioeconômica, orientação sexual, condição de gênero, entre outros). Destaca-se que tais capitais são constituídos nos campos e se apresentam a partir do *habitus* adquirido, incorporado e operado nos campos.

2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa para a qual, no seu delineamento, foi utilizada pesquisa de campo. Para Gil (2002), o estudo de campo busca aprofundar um problema em uma determinada comunidade, independentemente da sua organização. Nesta pesquisa, buscou-se compreender os sentidos dos estudantes migrantes a partir do compartilhamento de suas trajetórias, das experiências e vivências realizadas durante o deslocamento para a escolarização.

Selecionaram-se estudantes com matrícula ativa na UFG, nos campi Colemar Natal e Silva e Samambaia, ambos na cidade de Goiânia, e no campus da cidade de Aparecida de Goiânia, localizada na região metropolitana da capital do estado goiano, com idades entre 18 e 29 anos, que iniciaram o curso entre 2015 e 2019 e concluíram o Ensino Médio em outra unidade da federação. A identificação da escola de conclusão do Ensino Médio foi apontada por Li (2016) como um indicador mais atual se o estudante migrou ou não de estado.

Ressalta-se que o contexto pandêmico afetou a construção da amostragem, dada a exigência de que o estudante participante tivesse vivências presenciais na universidade e com os equipamentos sociais da cidade de Goiânia/região metropolitana (transporte coletivo, atividades culturais, sociabilidade dentro e fora da universidade, entre outros). Por conta disso,

reduziu-se o tempo dos ingressantes na UFG até 2019, último ano antes da pandemia de Covid-19. Os estudantes que ingressaram entre 2020 e 2022 não foram contactados porque se mantiveram próximo do seu núcleo familiar ou em sua cidade de origem; o deslocamento só ocorreu a partir do semestre letivo 2022.1, em 25 de maio de 2022.

Buscou-se entrevistar os sujeitos migrantes sem fazer recorte por região de procedência geográfica, curso ou cota de ingresso. Aplicou-se um questionário semiestruturado e realizaram-se entrevistas com 17 estudantes. Os questionários continham 28 questões e foram preenchidos antes da realização das entrevistas, tendo por finalidade traçar o perfil socioeconômico dos estudantes e complementar informações que não foram perguntadas. As entrevistas semiestruturadas foram fundamentais para que os estudantes pudessem verbalizar a trajetória estudantil, as vantagens e desvantagens de realizar este deslocamento; como diz Lobato (2021), compreender os desafios que enfrentam durante a prática da mobilidade e no percurso acadêmico.

Ressalta-se que os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios, sugeridos pelos próprios participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas para os e-mails fornecidos pelos estudantes no questionário para que pudessem lê-las e validá-las. Ademais, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordaram em participar da pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Goiás, parecer nº 5.502.128.

3 Análise e discussão

3.1 Escolha e ingresso na UFG

O movimento migratório estudantil não ocorre somente no momento de efetivação da matrícula, após escolha do curso e a aprovação no SiSU. Pode-se dizer que as escolhas pelo curso e pela instituição são construídas ao longo da trajetória socioeducacional dos estudantes. Acredita-se, também, que a escolha pela Instituição de Educação Superior (IES) não é idealizada ou pensada *a priori*, mas ocorre ao mesmo tempo em que o estudante constrói uma estratégia para acessar a educação superior pública. A migração estudantil enquanto projeto, então, ocorre no movimento, é pensada ao mesmo tempo em que é vivenciada.

As biografias dos estudantes não se constituem como uma linearidade, não são concatenadas de modo coeso e harmônico; pelo contrário, decorrentes de uma sucessão de acontecimentos que se encaixam, são atravessadas pela mutabilidade da interiorização e externalização do *habitus* adquirido e pela forma de atuação nos diversos campos do espaço social. A posição desses estudantes pode variar, a depender do volume de capital que possuem e da posição que ocupam nos diversos campos que estão inseridos. Desse modo, não se pode perder de vista as contradições presentes nas trajetórias destes sujeitos, os movimentos percorridos no espaço social e as estratégias encontradas para esse transitar, em uma realidade historicamente situada.

Nessa mesma lógica, quando se pensa a migração estudantil enquanto projeto, refere-se ao planejamento de ações que objetivam o acesso à educação superior e podem ser influenciadas não somente pela participação da família como também por diversos agentes que participam da vida desses estudantes, como professores, líderes religiosos, membros de movimentos sociais e participação em eventos educacionais. Ilustra-se esta condição com a fala da estudante Jordana, que desconhecia o que era uma universidade federal, apesar de já ter ouvido falar; ou seja, em algum momento passam a ter acesso a informações que antes desconheciam, pois não compunham o universo escolar no período que antecede o ingresso à universidade. O Espaço das Profissões¹, no caso de Jordana, foi um desses momentos.

Eu só sabia que a UFG era uma federal depois que eu vim morar aqui, porque lá [na cidade de origem] a gente não fala muito sobre isso. Eu não sabia muito bem o que era uma federal, mas escutava muito falando que as pessoas queriam passar em uma federal e eu me perguntava o que era isso. Aí teve o Espaço das Profissões aqui e eu vi o tamanho da UFG, o pessoal ensinando uns negócios que eu nem sabia o que que era (Jordana, migrou da Bahia).

Para ingressarem na IES pública, os estudantes constroem estratégias diante da realidade concreta, como fazer cursos pré-vestibulares, optar pela escolha de um curso que possibilite trabalhar e estudar ao mesmo tempo ou um que seja mais fácil ingressar. Quando se considera a trajetória dos estudantes entrevistados, nota-se que a origem escolar foi diversa: 13 participantes concluíram o Ensino Médio em escolas públicas e quatro em particulares. Muitos

¹ Evento promovido anualmente pela UFG direcionado aos estudantes do Ensino Médio que objetiva apresentar informações e orientações sobre os cursos e seus projetos de ensino, pesquisa e extensão, as formas de ingresso, programas de assistência estudantil e possibilidades de atuação profissional.

estudantes recorreram aos cursos preparatórios, visando o ingresso em cursos com maior concorrência; essa também é uma estratégia utilizada para suprir as deficiências educacionais no Ensino Médio público, podendo dar chances para que acessem cursos mais prestigiados socialmente.

Eu fiz um cursinho que uma tia minha se dispôs a me presentear, porque, *a priori*, o meu curso de interesse tinha uma nota de corte maior, que era o curso de Medicina. Então, precisei de um cursinho. Ainda assim, a minha nota não foi suficiente, por isso escolhi um curso na área da saúde que pudesse agregar também (Bruna, migrou da Bahia).

Eu terminei o Ensino Médio em 2017, mas a minha nota não dava para ingressar na UnB [Universidade de Brasília], então, eu fiz um semestre de cursinho e ainda assim não deu para entrar na UnB em 2018 (Cristina, migrou do Distrito Federal).

Ressalta-se que a estratégia do curso pré-vestibular nem sempre é utilizada por muitas famílias, tendo em vista as dificuldades materiais de sobrevivência, como é o caso de Lucas, que trabalhava enquanto cursava o Ensino Médio, e até mesmo de Joana, que chegou a cursar, mas abandonou por falta de condições financeiras.

Eu não consegui fazer cursinho. Como eu trabalhava, sobrava um dinheiro para frequentar algumas aulas, mas eu não fiz o cursinho, porque como eu trabalhava e chegava tarde, eu não conseguia acompanhar as aulas como os outros alunos. Então, eu pegava aulas avulsas e não conseguia fazer o cursinho de verdade (Lucas, migrou do Mato Grosso).

Fiz cursinho por alguns meses, mas com o tempo eu parei porque eu não estava em condições de pagar e comecei a estudar em casa mesmo, com os materiais que eu tinha (Joana, migrou do Maranhão).

É interessante observar que todos os estudantes citados anteriormente cursaram o Ensino Médio em escola pública. Recorrer aos cursos pré-vestibulares também é uma estratégia dos estudantes de escolas particulares; no entanto, estes o fazem simultaneamente ao Ensino Médio.

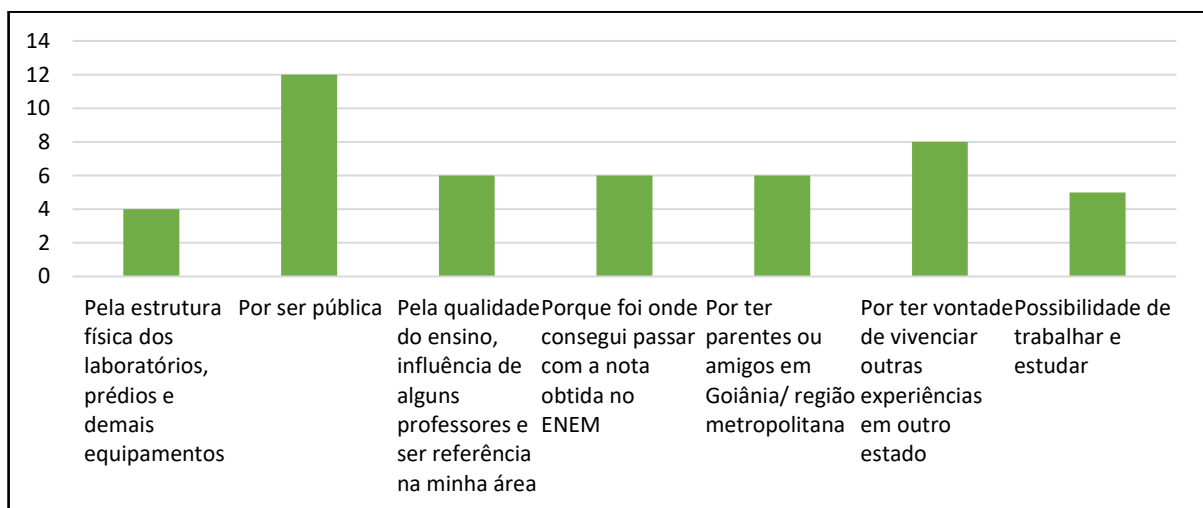
Eu fiz o cursinho no terceiro ano, mas foi o cursinho da própria escola mesmo que era tipo uma monitoria à tarde, não era um cursinho em específico. Só um reforço, digamos assim (Gabriel, migrou do Distrito Federal).

Fiz um cursinho na Poliedro da minha cidade [...] estudei lá, por um ano, em 2018 inteiro (Luís Fabiano, migrou de São Paulo).

Pelos excertos das entrevistas, nota-se que os estudantes não possuem as mesmas condições de realização das provas do Enem. Até mesmo entre os que cursaram o Ensino Médio em escola pública, há perfis socioeconômicos diferentes com percursos formativos próprios. A unificação da concorrência nacional em um país com Ensino Médio qualitativamente bastante diferenciado (Vargas, 2019) implica em uma seleção ainda mais concorrida, levando consequentemente à revisão dos planos, como houve com Bruna e Jordana. A primeira queria cursar Medicina, mas por pontuação insuficiente, optou por Biomedicina para permanecer na área da saúde; a segunda estudante, cujo objetivo era Medicina Veterinária, fez a mesma manobra, optando por Química.

Quando questionados sobre os motivos pela escolha da UFG, tem-se o seguinte cenário apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Motivos que levaram os estudantes a escolherem a UFG para cursar a graduação.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como apontado no Gráfico 1, o fato de a UFG ser pública foi o principal motivo que os estudantes elencaram no momento da escolha da instituição. Gilioli (2016) argumenta que as universidades públicas atuam como fator de atração por não cobrarem mensalidades e por serem mais prestigiadas socialmente. De acordo com Silva (2016), na contemporaneidade, a formação profissional é posta como uma exigência, e o sentido da universidade ocorreria por meio da valorização dessa formação acadêmica, sendo que a escolha do curso passa a ser uma questão secundária. Essa situação fica evidente nas falas de muitos estudantes que, mesmo não gostando do curso, permaneceram matriculados porque a instituição é federal. Para muitos jovens entrevistados, o reconhecimento pela qualidade e o prestígio social foram fatores considerados no momento da migração. Luís Fabiano, por exemplo, avalia que as experiências vivenciadas por ele não são encontradas em faculdades particulares, frequentadas por alguns de seus amigos.

A educação superior, ao longo da sua história, se colocou como um nível de ensino restrito a camadas com maior capital econômico e social. As políticas de democratização da educação superior pública ocorreram tardiamente, ganharam mais substância e contam com maior protagonismo do Estado no processo na década de 2000 com os governos Lula. Para Santos (2016), o reconhecimento e a valorização das instituições públicas de educação superior se expressam no status social a elas atribuído. A universidade brasileira, por muito tempo, tinha por função, além de formar mão de obra qualificada e pensar o desenvolvimento científico, econômico, cultural e político da sociedade brasileira, transmitir cultura a uma pequena parcela da sociedade.

Ademais, Santos (2016) argumenta que a função social das instituições públicas de educação superior está direcionada para a produção do conhecimento com o objetivo de solucionar os problemas sociais por meio do tripé: ensino, pesquisa e extensão. Historicamente, universidades federais são prestigiadas na sociedade pela qualidade do ensino, pela produção científica e, além disso, pela seletividade no ingresso. Acredita-se que o alto grau de seletividade também pode ser um componente que agrega valor simbólico, já que poucas pessoas alcançariam o acesso. O diploma, enquanto um capital cultural institucionalizado, teria maior valor social devido à natureza da instituição.

Chama a atenção o segundo motivo mais destacado pelos estudantes, que é vivenciar outras experiências em outro estado. Neste ponto, os dados encontrados condizem com o que o Andriola (2011) argumenta ao propagandear o novo formato do Enem e a unificação da seleção por meio do SiSU, isto é, a mobilidade de estudantes pode favorecer o conhecimento acerca da

cultura brasileira por meio dessas experiências. Vivenciar experiências em outros estados estar para além do ingresso em alguma IES e em determinado curso diz respeito também à construção da subjetividade da juventude.

Em uma pesquisa realizada com os estudantes em mobilidade acadêmica da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Braz (2015) constatou que a juventude anseia a experimentação e vivência de novas formas de aprendizagem. O desafio do novo e o desafiar-se vem se constituindo em motivações para a participação da mobilidade estudantil. Nesta direção, conforme a autora (2015, p. 93), alguns participantes da pesquisa alegaram que “deparar-se com o novo é como se encontrar com o mercado de trabalho, exige que eles se inteirem rapidamente do contexto e do funcionamento da nova realidade na qual estão inseridos”.

Os dados apontam que as questões inerentes à própria UFG não estão entre os motivos mais apontados pelos estudantes: as opções “Pela qualidade do ensino, influência de alguns professores e ser referência na minha área” e “Pela estrutura física dos laboratórios, prédios e demais equipamentos” ocupam a terceira e a quinta colocação no ranking dos motivos. A qualidade do ensino e a influência dos professores ocupa a mesma posição que as opções “Porque foi onde consegui passar com a nota obtida no Enem” e “Por ter parentes ou amigos em Goiânia/região metropolitana”, apontando que a UFG, em si, pode não ter sido um motivo relevante no momento de escolha do curso, mas foi decisiva na escolha da instituição por ser pública. Vale ressaltar que alguns estudantes pesquisaram o curso ofertado e a universidade antes de se inscreverem, como foi o caso de Marri e Tiago.

De todo modo, a maioria dos estudantes entrevistados afirmou que se não fosse o SiSU, não teriam se matriculado na UFG; apesar de muitos terem familiares em Goiânia e/ou na região metropolitana, a universidade goiana se tornou realidade somente com a aprovação no processo seletivo. Quando questionados se estudariam na UFG se não houvesse o SiSU, responderam:

Eu só vim porque eu fui aprovado pelo SiSU, porque até por questão de locomoção e custo, eu não viria fazer um vestibular aqui, conseguir se [sic] sustentar aqui, esperar o resultado e talvez não ser aprovado e ter que voltar (Tiago, migrou do Rio de Janeiro).

Acho que não! Acho que ficaria em Minas Gerais (Marcela, migrou de Minas Gerais).

Não! Na verdade, eu não sabia como iria fazer um curso superior. Em Teresina era inviável [...] quando o meu irmão veio para cá, coincidiu que eu tinha feito o Enem, se a minha nota desse para cá, ótimo, se não desse, não viria. Mas coincidiu de eu vir parar aqui (João, migrou do Piauí).

Não! Não teria essa oportunidade. Nem Goiânia. (Lucas, migrou do Mato Grosso).

Com certeza não, porque eu já tinha feito dois processos seletivos no Amazonas, que eu já tinha passado. [...] então, se não fosse o SiSU, nem cogitaria entrar na UFG (Marri, migrou do Amazonas).

Sem chances. Foi só pelo SiSU que eu vi que teria a possibilidade de vir (Gabriel, migrou do Distrito Federal).

Eu não estaria aqui. Eu teria me alistado, estaria no lugar onde eu estava, se não fosse o SiSU (Arthur, migrou do Pará).

Não. Talvez eu viria para Goiânia, mas não para UFG. Não teria conseguido (Marielle, migrou da Bahia).

As falas acima reafirmam a centralidade das políticas educacionais de expansão das vagas para o aumento da migração estudantil interestadual. Alguns estudantes avançam nessa questão e avaliam o processo de ingresso como um todo. Jordana faz uma comparação entre o SiSU e as provas realizadas no Enem com o antigo vestibular da instituição: caso ainda fosse a mesma forma de ingresso avalia que provavelmente não ingressaria, e considera que a aprovação no vestibular viria apenas com o apoio de um curso pré-vestibular. Já Cristina e Maria avaliam o sistema considerando o seu “mecanismo de *matching*” (Nogueira *et al.*, 2017), no qual os estudantes fazem a escolha após balizar as chances de aprovação.

3.2 Projetos migratórios estudantis: entre a expectativa e a realidade

As situações de adaptação a um novo lugar ocorrem em meio às descobertas de si, implicando, algumas vezes, na reavaliação das escolhas profissionais, que podem resultar em mudança de planos, evasão do curso e/ou da instituição. A escolha da profissão é um projeto de vida; nesse sentido, nota-se três situações que representam essa reorganização das rotas planejadas. A primeira delas é o caso de João, que no momento da entrevista aguardava a abertura de edital interno para trocar de curso, mudando da Agronomia para Medicina

Veterinária ou História. Esse movimento foi realizado por Gabriel, que ingressou no curso de Física e migrou para História.

Em 2018, eu mudei para História. Eu meio que decidi ser professor antes de decidir o curso, aí fui para Física que era bom, mas não me encontrei. Quando eu vi que a Física não era o meu curso, eu não sabia também qual seria. Tinha a História, porque eu era bom, mas também tinha a Geografia, a Ciências Sociais que eu achava interessante. Então, a História foi um tiro no escuro e me encontrei demais (Gabriel, migrou do Distrito Federal).

É interessante notar que os pais de Gabriel são professores, o pai, de Física e a mãe, de História. Para Bourdieu (2007), as atitudes dos pais em face à escolarização dos filhos se manifestam em diversas decisões que vão balizar a escolha pela continuidade ou não da escolarização, e em qual modalidade de ensino. O que chama atenção nas escolhas de Gabriel é até que ponto elas foram racionalizadas pelo próprio estudante ou incorporadas por meio da convivência com seus pais e transmitidas pelo *habitus* profissional deles.

A situação de Maria apresenta duas questões relevantes: a primeira é o fato de ter concluído a graduação em Direito, “eu me formei aos vinte e um, mas eu sempre quis cursar Contábeis”; inclusive objetivava conciliar as duas áreas, mas no momento da entrevista trabalhava apenas na área contábil. A outra questão é o fato de ter migrado do Pará para cursar a graduação em São Paulo. Oliveira e Kulaitis (2017) discutem sobre o *habitus* migrante e o capital de mobilidade que remetem ao processo em que indivíduos são submetidos à inculcação semelhantes, mas que somente alguns deles os incorporam. Neste caso, pode-se dizer que a estudante transformou suas vivências anteriores e as ressignificou; no momento em que migrou novamente para cursar outra graduação, adquiriu o *habitus* de migrante e suas vivências foram transformadas em capital de mobilidade. Essa experiência anterior contribuiu para que ela construísse estratégias que podem não fazer parte do universo de quem faz esse movimento migratório pela primeira vez e de quem ainda está na primeira graduação, já que estes ainda não aprenderam o ofício de ser estudante (Coulon, 2008), mas que foram utilizadas por ela para antecipar a conclusão do curso.

Eu falei “ah, nesse primeiro momento vou focar em adiantar o máximo que eu puder do curso, porque seria legal se eu terminasse antes, logo de uma vez”. Tanto é que eu terminei todas as minhas matérias agora em setembro, que é quando acaba o semestre; foram basicamente três anos e o curso é de quatro anos e meio. Eu adiantei muita coisa, fiz monitoria, me envolvi demais. No primeiro ano, eu realmente me dediquei, me envolvi em todas as atividades do curso. Em 2019, foi quando eu estava efetivamente no curso presencial, pude me envolver em muita coisa, então eu acho que consegui ter uma percepção adequada (Maria, migrou do Pará).

Como pontua Bourdieu (2004), as estratégias são construídas pelos estudantes ao longo da sua vida; uma decisão não se limita a uma ação inconsciente e muitas vezes é mediada por ações calculadas e conscientes. O jogo jogado por Maria, e até mesmo por Gabriel, pode ser interpretado como produto dos seus sentidos práticos, racionais, uma vez que, para a diplomação, jogaram de acordo com a demanda, reinventando e se adaptando às diversas situações encontradas, seja por meio de uma nova graduação ou mudança de curso.

Outra questão que diz respeito à migração enquanto um projeto são as expectativas criadas para o que seria este novo lugar a ser desbravado. A UFG seria um lugar para ser explorado não apenas enquanto instituição formadora de uma determinada profissão, mas também como um momento da vida em que as juventudes lidam com o distanciamento familiar e, conseqüentemente, encontram-se na busca pela independência afetiva, financeira e pelo amadurecimento pessoal. O ingresso na universidade seria o momento de vivenciar o novo; em alguns casos, experienciar o que foi previamente idealizado e as contradições da realidade, o choque entre o imaginado e o vivido.

A partir das entrevistas realizadas foi possível identificar aqueles que tinham expectativas positivas, os que tinham medo do que poderiam encontrar e os que não construíram ideias sobre o que seria ingressar em uma universidade pública federal em Goiás. Entre os que apontaram as expectativas positivas, seguem suas reflexões:

Eu achei que ia ser menos complicado. Porque lá na minha cidade eu tenho poucos amigos, achei que aqui eu teria um pouco mais, mas não muda muita coisa não. As minhas expectativas em relação a amizade eram isso, mas sobre o resto, as expectativas foram confirmadas (Jordana, migrou da Bahia).

Eu achava que seria tudo perfeito, tudo lindo, do jeito que a gente vê em filme. Mas quando chegou aqui a realidade bateu e foi diferente. Vou ter que me esforçar, vai ser difícil, mas vai dar certo (Joana, migrou do Maranhão).

Eu tinha expectativa que ia beber muito. Sério. Eu não pensava na parte do estudar, porque eu vivia muito presa. Para mim a universidade seria como os filmes estadunidenses, eu ia beber demais, iria em todas as festas, “nossa, vai ser tudo”. Aí eu piso o pé aqui e vou ter que estudar mesmo. É real. Não tem só maconheiro. Eu tinha muito isso (Marielle, migrou da Bahia).

Alguns estudantes também idealizaram positivamente o que seria este momento; no entanto, foi perceptível o descontentamento com algumas questões que perpassam o percurso formativo e a própria vida para além da universidade.

Eu esperava mais essa receptividade que a gente tem em BH [Belo Horizonte], Viçosa. Uma coisa que todo mundo cansa de falar é que goiano e mineiro são parecidos, mas aí quando eu cheguei aqui eu disse: “não é!”. Culturalmente, de acolhimento [...], a minha expectativa era que a gente ia chegar no curso e fazer um monte de coisas, produzir um monte de evento, trabalhar com muita assessoria, e não teve prática, é só teoria, teoria, teoria, e o pessoal é muito fechado (Beatriz, migrou de Minas Gerais).

Eu achava que era um pouco parecido com o curso que eu fiz no Ensino Médio, mas percebi que na universidade é bem mais pesado do que eu imaginava (Marri, migrou do Amazonas).

Eu imaginava que teria uma rotina mais tranquila, que não ocuparia tantas horas do meu dia [...] Acho que a gente romantiza muito também a faculdade [...] eu imaginava que seria super independente, que ia ter dinheiro, sairia todos os finais de semanas, não ia parar em casa, iria para o shopping, comprar roupa e tal. Nunca sobre tempo e quando sobra dinheiro a gente tem que investir para o curso mesmo, temos muitos gastos (Cristina, migrou do Distrito Federal).

Com relação aos estudantes que afirmaram o medo de vir para a UFG, nota-se que as baixas expectativas se relacionam com o desconhecimento da universidade e do seu funcionamento, e também com questões que afetam a subjetividade do jovem estudante. Adaptação, independência e até mesmo a possibilidade de quebrar os estereótipos socialmente construídos sobre a cultura goiana foram outros motivos apontados para justificar as baixas expectativas neste processo migratório:

A gente tem um estereótipo de que Goiânia é preponderantemente voltada ao sertanejo, de “comedores de pequi” e gente de botina, mas quando eu entrei em uma universidade federal, eu percebi o quanto é bem eclético, bem alternativo [...]. Você não vê tantos estereótipos em universidade pública, mas era isso que eu estava esperando ver. Foi um paradigma quebrado (Bruna, migrou da Bahia).

Eu estava com muito medo, porque eu nem imaginava como seria, como iria enfrentar. A primeira vez que eu tenho minha independência (Felipe, migrou de São Paulo).

Eu vim com muito medo. Eu nunca criei muitas expectativas. Eu estava com medo, perguntava-me se eu iria me adaptar. Até que eu consegui fazer amizades e passou o meu medo de ficar sozinha, mas superou todas as minhas expectativas (Marcela, migrou de Minas Gerais).

Quando eu passei na UFG, eu tinha medo de não gostar da universidade, então eu tinha mais medo do que expectativa [...] (medo de) não ser uma boa universidade, pois como não se ouvia falar muito, a gente não tinha muita impressão (Luma, migrou do Espírito Santo).

De modo geral, apesar das expectativas criadas pelos jovens para ingresso na educação superior, este se torna mais complexo devido ao deslocamento interestadual. Convive-se simultaneamente uma dupla expectativa, que diz respeito à escolha profissional e à universidade; por um lado, tem-se aquela natural para todos os estudantes jovens, ou seja, os possíveis questionamentos sobre a escolha da profissão, o rompimento com a dinâmica do Ensino Médio e a apreensão da lógica da universidade. Por outro, tem-se a mudança territorial e, conseqüentemente, as possíveis perdas de referências identitárias, de modo concomitante com o amadurecimento pessoal por estar longe das famílias. São relevantes também as questões externas ao curso, como o lugar em que a universidade está inserida: não só a cidade de Goiânia, mas sua cultura, população e o modo de ser jovem com liberdade e autonomia.

Conforme Santos (2016), a migração realizada pela juventude para acessar a educação superior funciona como um mecanismo fundamental para o modo em que estes agentes sociais constituem suas identidades no contexto da busca por formação acadêmica, ao passo que percebem que essas mudanças implicaram no crescimento pessoal. Por conseguinte, essa mudança possivelmente se expressará no exercício profissional, tendo em vista que determinadas características, como a autonomia e a responsabilidade pessoal, poderão estar introjetadas nestes jovens.

Quando questionados sobre os aspectos positivos e negativos da migração estudantil, de modo geral os estudantes apontaram como aspectos positivos: amadurecimento pessoal, qualidade na formação profissional e a possibilidade de conhecer novas pessoas. A questão do amadurecimento pessoal se destaca por ser a primeira vez que essas pessoas estão rompendo com a dinâmica familiar. Os entrevistados avaliaram esse processo positivamente, pois associam-no a crescimento pessoal, autoconhecimento e responsabilização progressiva pelos

próprios atos; o empurrão para a independência, como disse Marielle. Felipe argumenta: “É diferente de quando a gente estuda na escola, tem o pai e a mãe forçando, e aqui na universidade você estuda ou não estuda”.

Já as questões negativas se referem à saudade da família e/ou amigos, à solidão, à mobilidade urbana e à insegurança na cidade de Goiânia. Apesar de muitos estudantes avaliarem a saudade da família como algo negativo, Cristina avalia que, apesar da saudade dos pais, a mudança de cidade foi positiva; para ela, o afastamento foi benéfico para a relação. Outro aspecto negativo refere-se ao transporte urbano, pois Goiânia e sua região metropolitana possuem uma rede limitada de mobilidade. Quando se considera que a universidade possui três campi e há cursos em que as disciplinas são ofertadas em dois campi, a limitação de linhas, frota e horários influenciam na avaliação negativa.

Ainda outra questão evidente nas diversas falas é sobre o sentimento de pertencer à UFG, ser acolhido pela comunidade universitária, mas sentir-se deslocado quando atravessa os muros da instituição. De modo geral, os estudantes apontaram as semanas de boas-vindas e atividades das organizações estudantis como movimentos importantes para se integrarem na instituição. Acredita-se que estes espaços de sociabilidade são fundamentais para que os estudantes ocupem e vivenciem o “ser estudante migrante” para além dos espaços formais de educação. Os caminhos percorridos pelos estudantes são diferentes, mesmo que tenham objetivos comuns; alguns relataram a expectativa de fazer mais amizades do que fizeram, enquanto, para outros, fazer novos amigos foi algo positivo que a universidade trouxe. Enquanto Maria se tornou presidente do Centro Acadêmico, Beatriz ingressou na Atlética do curso, e Marielle e João tiveram que conciliar trabalho e estudo. Em suma, as trajetórias que os estudantes percorreram até o momento são produto da forma como lidaram com a distância entre as expectativas criadas e as situações vividas na realidade.

Um dos objetivos do Ministério da Educação (MEC) ao estimular a migração estudantil é que os jovens pudessem ter contato com outras realidades, com os “brasis” que não fazem parte do contexto cultural, educacional e econômico do seu local de origem. Esse aspecto se confirma na percepção de alguns entrevistados: para Luma, ter contato com outras culturas enriquece o conhecimento; já Gabriel faz a seguinte análise “Eu saí do meu quadrado, pois sou de classe média, então, tinha todo aquele limite específico. Aqui na UFG você tem contato com todo tipo de gente, de tudo quanto é lugar”. É importante destacar essa fala porque é fato que a universidade está mais plural; no entanto, essa diversidade só foi possível devido à

implementação de políticas educacionais que asseguram o ingresso e a permanência de camadas sociais historicamente excluídas desse nível de ensino. Nesse sentido, concorda-se com a proposição de Braz (2015, p. 122), “a mobilidade acadêmica estudantil, em qualquer escala, sempre se apresentou como um elemento importante na formação da educação superior”.

Lobato (2021) destaca que os projetos estudantis são constituídos por negociações, reformulações e que este tipo de mobilidade praticada pelos estudantes não é fluido, tampouco se encerra ao chegar no local de estudo, pois são sempre permeados de questionamentos. A exemplo disso, enquanto Gabriel reformulou seu projeto inicial de ficar na UFG até se transferir-se para a UnB, e acabou permanecendo na instituição, Marri tentou encerrar sua condição de estudante migrante interestadual quando procurou informações sobre como transferir seu curso para a Universidade Federal do Amazonas, mas foi impedido por questões burocráticas: havia ultrapassado o percentual máximo de integralização permitido, o que lhe impediu de realizar transferência externa. Lucas afirma que a migração deve ser pensada e refletida antes de se concretizar; ele não teve esse tempo porque houve um problema com a expedição do seu certificado de conclusão do Ensino Médio, mas é necessário se planejar não só financeiramente, como também emocionalmente.

Como tem-se discutido ao longo do texto, os estudantes oriundos de outros estados precisam se afiliar institucional e intelectualmente (Coulon, 2008) ao mesmo tempo em que se localizam espacialmente na cidade. Precisam descobrir os ônibus que fazem o trajeto entre os campi, descobrir se as atividades acontecerão em alguma sala de aula ou no laboratório. Em suma, trata-se de aquisição de competências que dão condições para reconhecer a quantidade de capital intelectual necessário e em qual prazo para executar as atividades universitárias. Sobre essa questão, os estudantes avaliaram o período inicial da seguinte forma:

Na primeira semana que eu passei por muita ansiedade, porque quando a gente entra na faculdade não temos certeza dos nossos direitos [...], quando eu decidi tentar passar para UFG, eu tinha certeza que iria conseguir bolsa assistência. Aí quando eu cheguei aqui e vi que tem um processo, há um edital e muitas pessoas que precisam e participam de um processo seletivo, me gerou muita ansiedade (Cristina, migrou do Distrito Federal).

Eu fui para a primeira aula sem estar matriculada, porque ninguém disse que eu tinha que ir até a secretaria para confirmar a matrícula. Eu entrei na chamada pública, aí eu tinha que ir até a secretaria do curso efetuar a minha matrícula. Isso não me avisaram e já tinha uns três dias que eu estava frequentando a faculdade. Nesse quesito, eu achei negativo, porque eu não tinha informação, não tinha quem me amparasse (Marcela, migrou de Minas Gerais).

A adaptação na moradia nova [maior dificuldade], principalmente porque o [campus] Samambaia fica bem longe de tudo. Então, ou você escolhe ficar perto da faculdade e longe de todo o resto ou você escolhe ficar perto das coisas, mas longe da universidade, dependendo de ônibus ou carona (Marri, migrou do Amazonas).

Chama atenção a avaliação feita por Cristina no que diz respeito aos documentos exigidos nos editais para inscrição em alguma bolsa de assistência estudantil. A ansiedade da estudante diz respeito não só aos documentos que seu pai, morando em outro estado, deveria providenciar, mas também à incerteza se seria contemplada ou não com alguma bolsa de assistência estudantil. Marcela levantou a questão da falta de informações sobre a confirmação da matrícula; ela ingressou posteriormente, com o semestre letivo já em andamento, porque foi aprovada na chamada pública, ou seja, após o início das aulas.

No que se refere às estratégias criadas para se afiliarem intelectual e institucionalmente, muitos estudantes informaram participar de monitorias, entrar em contato com professores, seja por e-mail ou após as aulas, para discutir dúvidas, assistir aulas no YouTube, frequentar a biblioteca, pesquisar em sites, participar de reuniões com colegas de turma ou de curso, entre outras. Marcela argumentou que tem vergonha de perguntar aos professores, mas sempre corre atrás de outras formas, enquanto Beatriz comentou que a turma tem uma representante para levar as demandas para os professores. Felipe aponta como sua maior dificuldade a escrita acadêmica, já Cristina disse que teve muita ajuda dos veteranos: “eles disponibilizaram um Drive que tinha todas as provas antigas, trabalhos que eles fizeram, tinha bastante livros em PDF”. Em suma, as formas encontradas pelos estudantes variam conforme o curso e a autonomia de cada um, pois cada pessoa aprende de modo diferente.

As estratégias criadas por Maria em seu processo vão além da antecipação de disciplinas, como dito anteriormente. Ela apresentou duas situações na entrevista: a primeira diz respeito à necessidade de apresentar um requerimento para que fosse garantido seu direito de não assistir aulas às sextas à noite e aos sábados, por causa de sua religião. A segunda foi se tornar presidente do Centro Acadêmico e encampar reivindicações que atendessem às demandas específicas do próprio curso, como os embates com a coordenação do curso para

oferta de disciplinas conforme as necessidades das turmas e também a reivindicação junto aos estudantes dos cursos noturnos para a ampliação do número de ônibus noturnos, participando de reunião com representantes da prefeitura. Ressalta-se que, como a própria estudante assume, esses movimentos só foram possíveis porque ela não trabalhava e dispunha de tempo para vivenciar a universidade no seu aspecto acadêmico, institucional e político; além disso, ela é graduada no curso de Direito – ou seja, não era um ambiente desconhecido, pois contava com acúmulo de capital escolar que lhe servia de base para essa interação em um nível mais político e até mais propositivo.

3.3 Avaliando a migração estudantil

As falas dos estudantes avaliam esse deslocamento a partir da sua relação com a UFG e o espaço em que está localizada; no caso, Goiânia. Nota-se que muitos reduzem a experiência ao ingresso na universidade e seus espaços formativos, como a pesquisa e a extensão, além do ensino. Não significa que estes estudantes não ocupem os espaços e equipamentos sociais que a cidade oferece. Maria, Marielle e João, por exemplo, trabalham, mas a avaliaram a migração estudantil somente pela universidade. Pode-se interpretar que a migração estudantil tenha sido a propulsão para se deslocarem, e por isso o protagonismo na fala. No caso de Jordana e Beatriz, a experiência migratória foi avaliada positivamente ao considerarem atividades ofertadas pela própria UFG, como estágio, iniciação científica e atividades extensionistas.

Muitos jovens avaliam esta experiência como um momento de adquirir independência e autonomia. Para a maioria, a migração está associada à construção das suas identidades juvenis. Fica perceptível que sair de casa para obter formação profissional não se limita à formação acadêmica, mas vem acompanhada da mudança e de responsabilidade.

Muitas pessoas me chamaram de corajosa quando eu decidi vir para cá sozinha, mas eu acredito que foi bem natural. O meu desejo de independência, de morar sozinha e conhecer outras coisas me fortaleceu, e eu acredito que foi bem sucedido (Bruna, migrou da Bahia).

[...] minha mãe até comenta que não vai cometer o mesmo erro com a minha irmã, de deixar ela ir para outra cidade, mas eu falo que seria a melhor coisa para ela, pois ela ia viver o mesmo que eu vivi e amadurecer, crescer (Gabriel, migrou do Distrito Federal).

Eu acho que é uma experiência que todo mundo deveria ter. Eu até comentava com as minhas amigas, que tem muita gente que mora e estuda em Goiânia e está nas casas dos pais ainda. E eu fico pensando, essa é uma experiência que todo mundo deveria ter. Dá muita autonomia para gente. Você sai do período de adolescência e vai logo para vida adulta. É uma experiência muito positiva, apesar dos obstáculos (Luma, migrou do Espírito Santo).

Acho que eu tive que amadurecer muito rápido, embora de uma forma que eu não gostaria, mas, ainda assim, me oportunizou isso (Lucas, migrou de Mato Grosso).

Nesse ponto, Silva (2016), ao pesquisar as representações sociais dos jovens que migraram para o interior de Pernambuco com o objetivo de acessar a educação superior, afirma que as mudanças vivenciadas por esses atores sociais são físicas, geográficas e “internas”. Historicamente a juventude é referenciada como o momento de transgressão das regras, de rebeldia, mas, conforme a autora, os jovens migrantes desconstróem esse estereótipo porque a liberdade vem acompanhada de responsabilidade. Desse modo, este tipo de mobilidade acarreta em mudanças na identidade dos jovens migrantes,

A identidade enquanto processo inacabado apresenta no movimento migratório o terreno fértil para mudanças subjetivas e incorporação de papéis e identificações até então inimagináveis. Uma delas é o crescimento pessoal apontado como reflexo da migração, aparecendo nos relatos de todos participantes, identificados, porém, por diferentes formas (Silva, 2016, p. 111).

Por fim, houve quem encontrou nesse movimento a chance de vivenciar realidades distintas daquelas às quais estavam habituados.

Eu sempre tive vontade de estar em uma cidade grande e conhecer outras pessoas. Foi tudo muito novo, até hoje, mas foi uma experiência muito positiva (Felipe, migrou de São Paulo).

Eu sempre quis sair de casa, morar em outro lugar. Eu converso muito com os meus amigos daqui de Goiânia, com meus amigos, que, cara, já que eu tive que mudar para estudar, eu vou estudar e eu vou conhecer o local onde eu estou. É muito bom conhecer lugares que eu achei que nunca iria conhecer ou que eu estaria perto de conhecer. Eu nunca achei que iria conhecer Goiânia. Eu acho que morar fora, principalmente para outra cidade, te abre muitas portas, apesar de passar alguns perrengues (Beatriz, migrou de Minas Gerais).

Foi bem difícil a mudança, a adaptação, hoje é fácil falar, mas no início foi difícil me adaptar, [...] eu acho que a gente sempre tem que se arriscar. Sou contra comodismo. “Ai, isso aqui tá bom”. Acho que não! Temos que conhecer coisas novas, arriscar mesmo. Se eu quisesse fazer o Mestrado e aqui não tivesse, eu não pensaria duas vezes para me mudar (Marcela, migrou de Minas Gerais).

Eu sou um cara que sempre está aberto a novos assuntos e a novas culturas. Eu gosto de me inserir em culturas diferentes. Muito disso eu não me via bem inserido na minha cidade em São Paulo, então eu precisava ir para algum outro lugar. Por precisar ir para um outro lugar eu sempre gostava de estar em diferentes nichos (Luís Fabiano, migrou de São Paulo).

Fica evidente que a motivação inicial, comum à maioria deles, foi a aprovação em uma universidade pública federal. Todavia, cada um avalia essa experiência migratória de modo diferente. Não se pode deixar de mencionar que alguns estudantes se emocionaram e choraram nas entrevistas ao elaborar as respostas, provavelmente por relembrar as trajetórias e algumas questões ainda não superadas. Os jovens migrantes convivem com um conjunto de sentimentos contraditórios, como saudade da família, frustrações, cansaço, autorrealização, alegrias, e também passam pelo processo de adoecimento mental, que pode ser algo novo, desencadeado no transcurso das novas experiências, ou ser apenas a potencialização de um adoecimento já existente. Alguns estudantes revelaram que foram diagnosticados com depressão e ansiedade, inclusive com acompanhamento medicamentoso. Sobre esse ponto,

A experiência migratória traz a vivência da descontinuidade e ruptura, alterando a trajetória pessoal e rompendo laços, os quais são inscritos no corpo e na mente. A instabilidade ser-lugar causa abalo na segurança existencial e territorial do migrante, fazendo com que tenha que enfrentar um deslocamento espacial. Todos esses enfrentamentos podem tornar o sujeito deslocado suscetível à angústia, ansiedade e tristeza, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino ou de manter os vínculos com o lugar natal, apesar de ter migrado, pois para cada pessoa o processo se faz diferentemente (Souza, 2020, p. 60-61).

De modo geral, os jovens migrantes experienciaram esse movimento de modo heterogêneo. As questões que dizem respeito à graduação, como se identificar com o curso, as relações interpessoais construídas com os colegas, ser contemplado com alguma bolsa de assistência estudantil e demais vivências acadêmicas influenciam nessa condição, mas a migração também incide sobre as diferenças culturais e no encontro com questões que até então não eram sentidas em seu território de origem.

Reitera-se que a motivação para tal mobilidade, induzida e incentivada pelas políticas educacionais mencionadas, encontra eco no desejo destes jovens por se inserirem na educação superior pública federal e conquistar, além do diploma, mais prestígio social, uma melhor colocação no mercado de trabalho (Silva, 2016). De acordo com Lobato (2021), as jornadas migratórias realizadas pelos estudantes com destino a Universidade Federal de Minas Gerais são compostas por negociações, reformulações e não se encerram no local de estudo. No decorrer do curso muitos estudantes recalcularam a rota e avaliam sobre permanecer no local, retornar para suas cidades de origens ou praticar a mobilidade em outro local para se especializar na carreira.

4 Considerações finais

O movimento migratório interestadual resulta de um conjunto de políticas educacionais que têm por finalidade o acesso à educação superior. Esses estudantes enfrentam muitos desafios no seu cotidiano, que passam pela adaptação em um novo lugar, dificuldades estruturais de formação, insegurança material para permanecer no curso, questionamento sobre a escolha do curso, saudade da família, entre outros; assim como as possibilidades de superação dos desafios serão construídas a partir de como os agentes se envolvem no espaço social em que essa mobilidade ocorre.

Nesse sentido, argumenta-se que as vivências são diferentes, logo, os sentidos e os significados atribuídos a este deslocamento também vão divergir, pois a migração enquanto uma prática social está condicionada a diversos fatores, como o capital econômico e social, bem como o capital cultural herdado de suas famílias. A partir das entrevistas foi perceptível que os estudantes possuem trajetórias escolares diversas, perfis socioeconômicos e escolaridade da família diferentes. Todas essas questões influenciam no modo como os estudantes experienciam sua permanência na educação superior e seu percurso formativo, impactando não apenas no traquejo nos ambientes universitários, mas também na forma como exploram os espaços para além dos muros da universidade.

Destaca-se que a migração estudantil não se limita à simples mudança espacial; é um movimento mais complexo, pois as juventudes que realizam este deslocamento devem construir novas relações sociais e culturais. Enquanto um projeto construído também no momento em

que se vive, aberto a transformações de si e do que foi previamente planejado, os estudantes apontaram pontos positivos e negativos deste processo.

As trajetórias dos estudantes influenciam na elaboração dos planos que envolvem retornar, permanecer ou realizar novos deslocamentos. As migrações são compostas por obstáculos e sofrem negociações imbricadas nos deslocamentos (Lobato, 2021). Os motivos que os levam a pensar em permanecer ou retornar se localizam nas mesmas justificativas: as possibilidades de emprego e as relações afetivas, seja com a família, amigos ou em namoros. É importante ressaltar, no entanto, que o estudante que realiza uma nova migração ou retorna para sua cidade de origem não faz esse deslocamento apenas com um diploma de nível superior, mas leva consigo novas motivações associadas às experiências já vivenciadas, sejam elas positivas ou negativas.

Referências

ANDRIOLA, W. B. Doze motivos favoráveis à adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 107-126, jan./mar. 2011.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). 9. ed., Petrópolis, Vozes: 2007.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. 11. ed. Campinas: Papirus Editora, 2020.

BRAZ, R. L. **O Programa Andifes de mobilidade acadêmica: uma mobilidade estudantil no sistema federal de ensino superior brasileiro**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CARDOSO, R. *et al.* Migração estudantil: uma análise do impacto da política de cotas e do programa Universidade Para Todos. In: MACEDO, F. C. de; NETO, A. M.; VIEIRA, D. J. (org.). **Universidade e território: ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI**. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2022.

COULON, A. **A condição de estudante – A entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DUTRA, R. C. de A.; AZEVEDO, L. F. de; LAIER, A. C. Migrações estudantis: desafios e limites de integração à sociedade de destino. **Vivência – Revista de Antropologia**. n. 51, p. 122-132, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GILIOLI, R. de S. P. **Evasão em instituições federais de ensino superior no Brasil: expansão da rede, SISU e desafios**. Estudo Técnico – Câmara dos Deputados, Brasília, 2016.

LI, D. L. **O novo Enem e a plataforma SiSU: efeitos sobre a migração e a evasão estudantil**. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LOBATO, L. de M. **Estudantes em mobilidade: jornadas de ingressantes no curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Montes Claros, 2009-2018**. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) - Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2021.

MARANDOLA JR., E.; DAL GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul.dez., 2010.

MIRANDA, S. C. de. O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: Uma perspectiva crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3 p. 566-582, set./dez., 2019.

NOGUEIRA, C. M. M. *et al.* Promessas e limites: o SiSU e sua implementação na Universidade Federal de Minas Gerais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 61-90. abr./jun. 2017.

OLIVEIRA, M. de; KULAITIS, F. Habitus Imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. **Mediações**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 15-47, jan./jun. 2017.

ROSÁRIO, D. M.; SOEIRA, E. Nômades do saber – um estudo sobre migração estudantil. *In*: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. 2010, Laranjeiras-SE. **Anais[...]**. Laranjeiras-SE, 2010. Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_01/E1-15.pdf. Acesso em: 29 maio 2022.

SILVA, P. D. “**Se movimentar sozinho, conhecer seus próprios caminhos**”: Representações sociais de migração por jovens universitários que estudam no agreste pernambucano. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOUZA, E. M. de. **A potência dos afetos no processo de mobilidade estudantil do ensino superior**. 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2020.

TERAMATSU, G.; STRAFORINI, R. Do Enem ao SiSU: cartografia da interiorização do acesso à educação superior no Brasil. *In*: MACEDO, F. C. de; NETO, A. M.; VIEIRA, D. J. (org.). **Universidade e território: ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI**. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2022.

ALVES, H. G. S.; NOLETO, S. de O. B.

Enviado em: 26/10/2024

Aprovado em: 24/01/2025